

Idade média na educação básica e na pesquisa*

FRANCISCO MAGNEL CARVALHO RODRIGUES**

COSMA SILVA DE ARAUJO***

Resumo:

Temos um preconceito sobre a Idade Média que já se encontra em nossa memória coletiva, em parte, provem do assim chamado “senso comum”, empurrado pela indústria cultural cada vez mais vendendo pensamentos prontos, no cinema, jogos virtuais etc. Muitas vezes agregamos a nós sem analisar os pormenores de certos produtos de nossa cultura, entretanto a cultura escolar tem um papel importante na transmissão de uma imagem distorcida da medievalidade, de onde vêm essas caricaturas da sociedade medieval? Quem produz conhecimento sobre a Idade Média? Como esta sendo produzindo esse conhecimento? A pesquisa histórica de Idade Média, qual o lugar que ocupa hoje? Em última instância, como as distorções tem se repassado ao grande público? São algumas das questões debatidas nesse artigo.

Introdução

Existem alguns clichês que minimizam a pluralidade que foi a Idade Média, reduzindo-a a imagens eufemizadas, entre outras, como as batalhas de cavaleiros que lutam por interesses puramente religiosos, tanta glória tem ao seu lado o lirismo dos trovadores que cantam em castelos em busca de amores platônicos, toda essa roupagem foi em grande parte revestida pelo cinema, pela televisão e pelos jogos virtuais e hoje se encontra no seio do imaginário popular. Com este artigo buscamos visualizar o(s) lócus de onde emanam tais imagens do período.

Por outro lado, na escola a Idade Média é vestida com manto de tenebrosidade, talvez por se colocar sempre que a igreja católica controlava todo o período, queimando a todos que em mínimo discordassem de suas opiniões e dogmas, sem falar ainda do estigma de

* Trabalho orientado pelo Prof. Msc. Igor Alves Moreira. Professor Substituto do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

** Graduando em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA. Bolsista do PIBID - CAPES.

*** Graduando em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Bolsista do PET - CAPES.

período tomado pelas infecções e pandemias como a peste e as endemias que fracionavam a população urbana e perturbava a vida dos camponeses na Europa medieval, diz-se ainda de um grande clima de insegurança com as invasões bárbaras que deu origem aos movimentos de evasão das populações urbanas para as zonas rurais, gerando segundo muitos livros didáticos, grande estratificação, como nesta passagem do livro de *História Global; Brasil e Geral* de Gilberto Cotrim em meio a muitas mudanças louváveis com relação a livros didáticos anteriores e contemporâneos traz em seu texto introdutório do subcapítulo intitulado *Feudalismo* o trecho “(...) Um clima de insegurança espalhou-se por varias partes do ocidente europeu...”(COTRIN,2001,p.124) e em seu conteúdo de explanação atribui a essa “insegurança” o processo de ruralização, e acordos de proteção feitos entre senhores donos de terras e camponeses, a insegurança seria tão grande a ponto desses se submeterem a servidão em troca de proteção militar.

Apesar das diferenças, as representações da Idade Média acima mostradas, não definem o universo cultural daquele período, o presente trabalho investiga as relações entre a pesquisa do tema, a cultura escolar e a cultura de massa para fazer análises comparativas, com uma breve revisão de outros trabalhos que almejam esse mesmo objetivo e algumas vozes que constituem o ambiente escolar, formando assim um panorama de imagens do medievo pertinentes, que permeiam nosso imaginário na contemporaneidade.

Objetivamos ainda fazer algumas reflexões sobre o ensino de História, e a possibilidade de se pensar outras formas de ensinar história medieval, adaptando às realidades dos estudantes. Apresentando conteúdos do medievo, referenciados no cotidiano dos alunos.

O medievo dentro pesquisa

Essas duas imagens (romantizada e tenebrosa) que se faz do período medieval ficam a margem da pesquisa acadêmica, pois, nas ultimas décadas do século XX, com o aumento de pesquisas neste campo começamos a ter certa cautela na visão que tínhamos sobre a Idade Média, “Aquele novo interesse decorria da crescente compreensão da importância que teve o período medieval na formação da civilização ocidental, da qual nosso país faz parte”. (FRANCO JR, 2001, p. 05).

A exemplo, citamos obras como a de Carlos Ginzburg, nos referimos ao *O queijo e os vermes*; o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição, que feita a partir de um longo processo de julgamento de um homem que viveu em Friuli, no século XVI, de nome Domenico Scandella (conhecido como Menocchio), estudos deste tipo influenciaram a historiografia do mundo inteiro, estimulando a tendência para pesquisas de cunho cultural e do cotidiano, influência sentida também no Brasil, o que contrastou de maneira forte com a tradição (que não existia) da historiografia brasileira de escrever a história da Idade Média.

Outra considerável pesquisa já aqui citada é a de Hilário Franco Junior, onde ele reconhece que “[...] a crescente compreensão de que o tecido da História é formado por fios dos mais variados tamanhos e cores permitiu o aparecimento de estudos sobre a vida cotidiana e privada das populações do passado...” (FRANCO JR, 1999.p. 168).

Esse historiador busca abarcar o universo medievo dividindo-o em estruturas, essa análise do passado se dá em uma perspectiva de longa duração, conceito formulado por Fernando Braudel na segunda geração dos *Anales*, embora se saiba que tal aporte teórico sempre correu o risco de cair no erro da generalização, crítica feita principalmente à escola histórica das mentalidades, o que nunca impediu que o conceito fosse bastante utilizado em trabalhos acadêmicos por que permite inserir em uma única análise uma grande riqueza de dados, procurando seus pontos comuns ao longo do tempo.

Mesmo com certo amadurecimento na pesquisa histórica, ainda assim, muitas distorções de compreensão do que foi a Idade Média feitas pelo cinema, escola ou outros espaços de representações demonstra que a não sobriedade que a maioria das pessoas tem da Idade Média pode ser reflexo da falta de consciência de nós mesmo, uma perda (ou busca) de personalidade, que sentimos na sociedade atual em meio a bombardeios de aspectos a nós empreendidos. Percebamos que ambas as imagens (romantizada e obscurecida) participam de um “jogo de representações”^{*} ou de múltiplas audiências de discursos (termo utilizado por Carlo Ginzburg) onde os que manipulam os discursos buscam uma harmonia dos interesses políticos, a escrita da história tem um lugar nessas disputas das memórias e deve atuar como agente questionador, em alguns casos deve tecer argumentos de uma contra memória.

* Nilton Millet Pereira discute isso em seu artigo “Imagens da Idade Média na cultura escolar”. Rio Grande do Sul: Revista do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, 2009.

Os tempos e seus intérpretes

Em grande parte o preconceito de Idade Média, Idade das Trevas foi historicamente difundido através de textos literários, historiográficos e principalmente filosóficos, “o termo expressava um desprezo indisfarçado em relação aos séculos localizados entre a Antigüidade Clássica e o próprio século XVI” (FRANCO JR, 2001, p.17).ou seja uma *rotulação a posteriore* fruto do pensamento filosóficos dos renascentistas (Século XVI e XVII) , feito para situar este período entre a antiguidade Greco-romana tido por estes como o início do progresso da humanidade e o século XVI visto como a retomada da caminhada civilizatória do homem após o longo período de estagnação que foi a Idade Média, (considerada assim pelos renascentistas).

Para os Iluministas do século XVIII a Idade Média foi um período estéril no campo do conhecimento, carregada com suas superstições e conduzida a fio pela nobreza e clero servia apenas como empecilho do desenvolvimento racional do homem, a depois, no século seguinte o “romantismo” da Burguesia em plena ascensão após a revolução Francesa exaltava as figuras pitorescas Medievais, a cultura Gótica antes rejeitada pelos críticos agora é invocada com suas nostalgias, I Hilário Franco Júnior deixa isso claro em Idade Média o Nascimento do Ocidente, em contraste ao racionalismo oitocentista que tanto provocou conturbações plantando o individualismo, nesta centúria é valorizado o nacionalismo.

Todos esses posicionamentos e concepções de mundo tem seus reflexos na historiografia, em meio a tantas depreciações do medievo, surgem erros cometido em algumas perspectivas de análise, como o anacronismo com tendência ao etnocentrismo, talvez se explique pela preferência que se tem dado aos estudos do passado europeu, para relatar a história humana, isso gerou uma grossa crosta de estudos com posicionamentos eurocêntricos, se tem buscado fugir a essa territorialização do assunto, que traz em seu verso o espírito colonizador do homem europeu se passando como progenitor do ocidente, visto assim no ensino de história ate pouco tempo, isso revela as intenções de atuação na memória, apropriação, sobreposição e legitimação cultural.

Contra pontuando, algumas medidas legais buscam trazer “conteúdos que ultrapassem o tão criticado Eurocentrismo [como a obrigatoriedade do ensino de história da

África, como do ensino da cultura afro-brasileira e indígena] de janeiro de 2003” (PEREIRA,2009,p. 122.), antes as outras culturas localizadas em outros recortes espaciais ou temporais se quer apareciam nos livros didáticos, essas resoluções deixam claro as dissonâncias nas figurações do social em seus embates ideológicos, afinal as leis são postas para regular aquilo que foge do ideal das sociedades que as acolhe.

O livro didático é portador das ressonâncias de tais disputas ideológicas, nesta perspectiva, os termos simplificadores (PEREIRA,2009,p.124) e algumas generalizações (como feudalismo, servidão) que são constantes nas obras pedagógicas, sem o devido cuidado, acabam produzindo preconceitos, na medida em que não demonstram as diferenças culturais das sociedades. Os livros didáticos elegem em sua maioria apenas três aspectos como resumo de uma cultura que se deu em um período que durou quase um milênio, de acordo com as demarcações tradicionais, são frisados nos livros em geral apenas: “a arquitetura românica e gótica; o trabalho dos monges copistas; o papel da Igreja na cultura”.

Outros livros didáticos esquecem também de falar das resistências culturais, pois, não só as heresias que são resistências religiosas, mas inúmeros tipos de reações de recusa ao modelo estabelecido são próprias da sociedade e da Idade Média, não podia ser diferente, George Minois demonstra em sua obra, História do riso e do escárnio (2003) que o homem medieval é muito paródico, as suas festas tinham função de divertimento e crítica social, resistência ao estilo de vida e hierarquias daquele momento.

A Idade Média é tida como aquela era em que prevalece o mundo rural e levada por muitos ao extremo é mostrado apenas os conflitos entre senhores e camponeses, entretanto, diversos estudos e testemunhos revelam a importância que assumiram as formações urbanas nesse período e a complexidade dos conflitos sociais no mundo urbano.

O surgimento dos conflitos sociais na cidade medieval envolvem diversos atores sociais: senhores agrários, mercadores, artesãos e trabalhadores dos mais diversos ofícios, como os fabricantes de telhas, açougueiros, entre outros. Acompanhar o desenvolvimento desses conflitos é acompanhar um pouco a própria história da constituição das cidades, e muitas vezes esse espaço é tido como ausente na Idade Média.

No obstante as cidades nunca tenham deixado de existir na Idade Média, foi após um longo período de declínio, causado pela decadência (de causas múltiplas) do Império Romano no século V e o gradual povoamento do ocidente pelos “invasores” germânicos, que as cidades se multiplicaram e prosperaram a partir do século X, ganhando autonomia relativa em relação ao mundo rural (o contrario do que dizem os muitos livros didáticos).

Como entender as análises superficiais da sociedade medieval que privilegiam apenas os grandes acontecimentos (guerras, nomeações de reis, produções de artes eruditas), feito pelos livros didáticos e pelas grandes mídias, e perceber que ambos selecionam aspectos que mais atraem a atenção de seus espectadores, será falha na narrativa da História? É um caminho para chegar a algumas conclusões ou novas questões, outra questão se faz entender pelas exigências das editoras, no caso dos livros didáticos, seria por outro lado, táticas de venda dos diretores e cinematográficos? Afinal interessaria a quem assistindo a um filme, acompanhar o dia-a-dia de seus personagens nos afazeres mais corriqueiros? o fato é que escapa aos leitores e espectadores, a esfera cultural, o cotidiano das pessoas na era medieval. Em síntese a Imagem que se faz da Idade Média é uma verdadeira seleção e mistura de conteúdos retirados da historiografia, e da memória coletiva, seja na cultura escolar seja em produções cinematográficas ou jogos virtuais. (PEREIRA,2009,p. 121-122.)

Encontrar o outro é reencontrar consigo.

A história, enquanto artefato, carrega as tecnologias de produção e impressões e concepções de mundo do seu tempo. Contudo, como entender com um olhar laico, o medievo um tanto místico? Precisamos substituir a leitura impressionista que fazemos do mundo medieval, pela leitura mais sóbria, além dos textos eclesiásticos. (FRANCO JR, 1992, p. 28).

Todo o racionalismo que lançou o espectro de idade das trevas (do místico), para contrastar com suas iluminadas virtudes intelectuais, projeto elaborado pelos renascentistas e consagrado pelos iluminas, com alguns dispositivos de poder, teve como objetivo, eleger a idade média como “infância das nações” (PEREIRA,2001,p.119), para justificar e reafirmar seu racionalismo liberal, mas neste século já sabemos que é arrogância das mais genuínas, pois, os elementos culturais incognoscíveis/meta físicos também ocupam e tem funções importantes em nossas vidas.

O amadurecimento da nossa compreensão tem despertado um crescente interesse pelos assuntos da medievalidade, isso talvez por em sociedade onde os indivíduos se encontram programados e o individualismo furta seus prazeres de coletividade a Idade Média pode oferecer uma rota de escape de um tempo mais gotejado, e tido como ingênuo, fuga para seus espíritos cansados.

Sabemos que acesso as fontes é elemento decisivo nas pesquisas históricas, e na pesquisa da Idade Média ele é ainda mais escasso, pois, o que sabemos é que neste tempo,

“tudo era acompanhado por muitos padrinhos e madrinhas, testemunhos indispensáveis para uma época pouco ou nada acostumada ao registro escrito e oficial de atos importantes da vida social”. (FRANCO JR, 2006,p128.).

Um bom exemplo disso foi dado pelo historiador Carlo Ginzburg, em 1979, quando estava com uma de suas pesquisas em andamento, se deu conta que era fundamental para a continuidade da referida pesquisa, certo documento cujo original estava em Veneza, mas seria muito oneroso para ele chegar até aquele, o autor resolveu procurar uma cópia que pensava existir em Roma, naquele período o Vaticano ainda mantinha os arquivos da igreja sob interdito, e em uma segunda carta enviada obteve resposta expedida pelo então cardeal Ratzinger, que viria a se tornar o Papa Bento XVI, anos mais tarde João Paulo II decidiu tornar público aqueles arquivos, e em uma declaração Ratzinger disse ter tido importante influência aquela carta enviada em 1979 por um Historiador, Carlos Ginzburg, isso nos faz perceber que a historiografia está intimamente ligada ao seu tempo, seja por meio da percepção dos intelectuais produtores dos pensamentos daquela época, seja limitada pelas tecnologias disponíveis, o pelos interditos que sempre vão servir de ponto de partida para um novo jeito de pensar e fazer o mundo e a história(BONALDO, 2011,p 8). .

Após alguns embates, hoje abertamente se faz crítica ao catolicismo, por sua conduta institucional de se omitir de alguns acontecimentos históricos marcantes (exemplo o holocausto), e de seus atos durante a Idade Média, em alguns casos fica claro as preções sociais, feitas através de “discursos científicos, que proferem assertivas no sentido de propor modificações doutrinárias da Igreja, como o fim do celibato dos sacerdotes e a aceitação de métodos contraceptivos (Pereira, 2009, p.121).

A era medieval tem bastante contribuição para o ocidente, Hilário Franco Junior aponta uma lista de feitos medievais até hoje, importantes para nossa vida no livro *Idade Média: O nascimento do Ocidente*, e mostra que o homem medieval também se via como homem em tempos sofisticados, e não existia estagnação, pelo contrário as mudanças tinham velocidade espantosa (FRANCO JÚNIOR, 1999, p.01) Sem esquecer também do desenvolvimento tecnológico como, por exemplo, na agricultura “A utilização de moinhos- novidade na época – para bombear as águas permitiu a rápida reconquista da zona inunda” (FRANCO Jr, 1999), e na cultura material realizado durante a Idade Média.

A revolução da historiografia que ocorreu desde o início do século XX abriu espaço para que se estudasse o medieval também no âmbito do cotidiano, consequência dos “... apelos políticos das histórias e das culturas silenciadas pelo Eurocentrismo.” (PEREIRA, Nilson Mullette, 2009). Sabemos que as experiências já vividas pelo homem no passado trabalham em nós, quando vemos algo em comum entre nós e por exemplo um homem que viveu a sete ou dezesseis séculos atrás, (lição me repassada pelo Prof. Dênis Melo) e bem exercitado em “O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição”, quando o autor diz que Menocchio é um de nós. (GINZBURG, 1987, p. 35).

A história contada e escutada na escola.

A dificuldade de ensinar história medieval no sistema de ensino que temos, tem a ver também com as metodologias empregadas, sabemos que não se pode abrir mão de dicultr teorias, mas da forma que se faz não tem eficiência, muitas vezes os alunos saem do ensino fundamental e até mesmo do ensino médio sem ter a mínima noção do que é Idade Média, porque é chamado assim? Existe consciência da ineficiência do ensino em trabalhar os conceitos, os livros didáticos, muitas vezes nos induzem a esses erros, é preciso estarmos atentos.

Outro grande problema do ensino de história medieval continua sendo, assim como o ensino de outros aspectos da história, o distanciamento dos conteúdos da vida dos estudantes, a nosso ver ganharíamos muito mais se apresentássemos a Média Idade como um período que se faz presente em nossos dias em diversos elementos do nosso cotidiano: as cerimônias, lendas, expressões, invenções tecnológicas e credence exercem grande influencia em nossas vidas.

Um passeio, um bom filme com as devidas colocações do professor, uma música que traga à tona constituintes da temática da aula ou até mesmo uma pesquisa na internet, para rever outros elementos medievais pode ajudar os educandos a construir um perfil mais completo da Idade Média, contribuindo para o entendimento do assunto, o texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais trás indicações de atividades desse tipo, e reconhece a importância de estudos que utilize outros tipos de fontes para pesquisas, quando diz,

“O questionamento sobre o uso exclusivo de fontes escritas levou a investigação histórica a considerar a importância da utilização de outras fontes documentais, aperfeiçoando métodos de leitura de forma a abranger as várias formas de registros produzidos. A comunicação entre os homens, além de escrita, é oral, gestual, figurada, musical e rítmica”. (PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997,p.26)

Essa concepção de investigação da história, em seus mais variados registros, precisa ser levada ao ambiente escolar.

Para entender a complexidade que envolve o ensino de História medieval é preciso analisar todos os sujeitos que construíram e constrói idéias a respeito deste tempo histórico, o livro didático é uma importante peça deste tabuleiro, afinal ainda é tratado como principal fonte de pesquisa na escola, quando falamos dos usos dos livros em sala de aula, é importante sabermos do processo que esse livro sofreu até chegar nas mãos dos alunos, pois, “A escolha de material didático é assim uma questão política e torna-se um ponto estratégico que envolve o comprometimento do professor e da comunidade escolar perante a formação do aluno”.(BITENCOURT, 2004, P. 298.), não podemos adotar qualquer livro para o ensino sem uma análise profunda.

Na intenção de ouvirmos o máximo de vozes que ecoam sobre a medievalidade realizamos em 5 de dezembro de 2012, uma entrevista com uma professora da Escola de Ensino Médio Ministro Jarbas Passarinho, Consolação de Carvalho (Graduada em História pela a Universidade Federal do Rio Grande do Norte) ensina o primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio nesta escola pública, pedimos para que nos relatasse um pouco de sua experiência como professora, e especificamente durante aulas que abordam o período medieval.

Falamos sobre o livro didático, a escola e o público que ela atende, mas gostaria de destacar uma passagem onde ela nos diz do distanciamento que a escola tem em relação a pesquisa acadêmica e visse-versa, nas palavras “as vezes a gente se afasta da Universidade



fica só aqui dentro do espaço do ensino Básico, e a gente fica perdendo as nossas pesquisas, tragam pra gente, que a gente também dar pra vocês o espaço da sala de aula, a gente divide.” Essa colocação da professora Consolação é um dado que expressa uma das dificuldades do ensino de História, incluindo a história da Idade Média”. Cabe a nós refletir porque deixamos um período tão cheio de importância para nossa cultura ser tratado de forma simplificada e em que isso implica pra nós mesmo.

Referencias Bibliográficas

BINTECOUT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

BONALDO, Rodrigo. **Muito além de queijos e vermes**. Norte; Livros, artes e idéias, Ed 17, Dezembro, 2010 - janeiro, 2011, p 8. Disponível em <http://arquipelagoeditorial.com.br/norte/?page_id=85>. Acessado em 07 de junho 2012.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. In: MINOIS, George. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MULLER PEREIRA, Nilson. **Imagens da Idade Média na cultura escolar, Rio Grande do Sul**. Revista do corpo discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, 2009.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: História e Geografia. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 166p.

ROIZ, Diogo da Silva. **Nas palavras de Ginzburg**. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 33 set./dez. 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n33/a16v1133.pdf>>. Acessado em 08 de junho de 2012.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL